

LÍNGUA INGLESA: DIFERENTES PRÁTICAS DE ENSINO

FRITZEN, Vanessa

Mestranda em Letras - Literatura Comparada

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

vane.fritzen@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa analisa a concepção de Inteligência, de acordo com a perspectiva de Howard Gardner, desde os tempos mais remotos até hoje. Revela que as inteligências múltiplas poderiam suprir as dificuldades e barreiras emergentes no aprendizado de uma segunda língua, facilitando e agilizando não só o ensino da língua inglesa, mas sendo aplicável ao ensino em qualquer outra língua estrangeira. Nesse sentido, num primeiro momento, desenvolveu-se um estudo bibliográfico acerca do tema em foco. Num segundo momento, realizou-se um trabalho prático em que se tentou operacionalizar as diversas Inteligências através de atividades que poderiam ser desenvolvidas no cotidiano escolar. Assim pretende-se tornar conhecidos dos estudantes e educadores em geral, os objetivos e as aplicações das inteligências múltiplas, como facilitadores no aprendizado e ensino de uma segunda língua.

Palavras-chave: Teoria das Inteligências Múltiplas. Ensino de Língua Inglesa. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A palavra Inteligência é, aparentemente, fácil de definir. Por exemplo, pessoas que têm facilidade para aprender coisas, são consideradas inteligentes. Contudo, como será constatado neste estudo, qualquer pessoa pode desenvolver inteligências: crianças, rotuladas como fracas e com baixo rendimento escolar, podem sim, desenvolverem atividades que antes pareciam ser impossíveis para elas. O diferencial para ter sucesso em qualquer área sempre esteve dentro de cada ser humano. Podem-se obter resultados incríveis através do desenvolvimento do ser humano.

A questão do verdadeiro sentido da palavra Inteligência tem povoado a mente de muitos teóricos e estudiosos desde os tempos mais remotos sendo que, durante muito tempo, a ideia de inteligência que se tinha era de algo que podia ser medido. Dessa forma, seria possível medir a inteligência com testes preparados para esse fim. Esses testes tomavam por base questões linguísticas e lógico-matemáticas, e possuíam a função de medir a intensidade/quantidade de inteligência de uma pessoa, isto é, o quociente de inteligência – popularmente conhecido e chamado de QI – que reconheceria sua capacidade intelectual. A Teoria das Inteligências Múltiplas, proposta por Howard Gardner, traz novas perspectivas a respeito do estudo proposto.

MEDINDO A INTELIGÊNCIA

Sabe-se que, um dos vários desafios enfrentados pelos educadores diariamente, é a utilização de todas as fontes disponíveis para tornar possível ao aluno uma melhor

aprendizagem. Ao reparar em um grupo de alunos, nota-se que alguns deles gostam muito de pintar, produzindo criativos desenhos, ilustrações, gráficos, estórias em quadrinhos, pequenas charges; já outros manifestam um imenso interesse pela música, sua letra, seu ritmo, seus sons e sabem tocar muito bem um ou mais instrumentos. Existem aqueles que sentem prazer em realizar cálculos matemáticos e que adoram atividades onde o raciocínio deva se desenvolver de forma precisa. Outros parecem se ligar mais ao esporte, sendo que conseguem realizar com facilidade e, aparentemente, pouco esforço vários tipos de movimentos e exercícios corporais.

Considerando essa observação, nota-se que as diferenças vão ainda mais longe. Alguns simplesmente amam ficar escrevendo, vivem rascunhando poesias, frases, letras de músicas e histórias. Há também os que são chamados de líderes, que acabam se colocando de forma natural como modelo para a classe. Alguns evidenciam seus interesses em metas expressamente pessoais: sabem controlar suas emoções, têm um autoconhecimento. Também não se podem esquecer aqueles que possuem uma incrível percepção do ambiente, conseguem descrever muito bem trajetórias, possuem certa facilidade em localizar objetos.

A partir da descrição destes alunos, pode-se perguntar: qual é o mais inteligente?

É impossível responder a uma questão dessas. Cada um dos casos citados corresponde a alunos cujas ações e comportamentos indicam diferentes tipos de inteligência. Nos dias de hoje, talvez essas reflexões e considerações não se mostrem tão surpreendentes. Porém, nem sempre foi assim.

Durante muito tempo, o conceito predominante de inteligência foi – e em vários casos inclusive é – a de algo que podia ser medido. Observando por esse lado, seria perfeitamente possível calcular a inteligência através de testes especificamente preparados para esse fim. Esses testes tomavam por base questões linguísticas e lógico-matemáticas, e possuíam a função de medir a intensidade/quantidade de inteligência de uma pessoa, isto é, o quociente de inteligência – popularmente conhecido e chamado de QI – que reconheceria sua capacidade intelectual. Este instrumento deu origem ao primeiro teste de inteligência, desenvolvido por Terman, na Universidade de Standford, Califórnia: O Standford-Binet Intelligence Scale.

De fato, quando se pretende medir indivíduos, são necessárias numerosas dimensões e tarefas sobre as quais medir e comparar. Foi apenas uma questão de tempo até que os psicólogos projetassem diversos testes e começassem a classificar os seres humanos comparando desempenhos nestas medições. A princípio, a sabedoria prevalente sustentou que os poderes do intelecto poderiam ser adequadamente avaliados por várias tarefas de discriminação sensorial – por exemplo, a habilidade de distinguir entre luzes, pesos ou sons. [...] Gradualmente, porém, (por diversas razões), a comunidade científica concluiu que seria necessário observar principalmente capacidades mais complexas ou “molares” como as que

envolvem a linguagem e a abstração, caso se deseje obter uma avaliação mais precisa dos poderes intelectuais humanos. O principal pesquisador nesta área foi o francês Alfred Binet. No início do século XX, com seu colega Théodore Simon, Binet projetou os primeiros testes de inteligência para separar crianças com retardo e em classificar crianças adequadamente em sua série correspondente (GARDNER, 1994: 12).

Após os primeiros testes, projetados no início do século XX por Alfred Binet, até os dias de hoje, diversas variações desse tipo de instrumento foram sendo elaboradas e empregadas com as mais distintas finalidades: tentar explicar o porquê do fracasso escolar, julgar candidatos a empregos, explicar determinados comportamentos e assim sucessivamente.

Dentro da comunidade científica e na sociedade maior, o entusiasmo sobre a testagem de inteligência foi pelo menos tão pronunciado e muito mais prolongado do que fora o entusiasmo em relação à frenologia quase um século antes. As tarefas e testes estavam logo disponíveis para uso amplamente difundido: a mania de avaliar pessoas para propósitos específicos – seja na escola, no exército, colocação em organizações industriais ou até mesmo companhia social – estimulou o entusiasmo sobre a testagem da inteligência (GARDNER, 1994: 12).

No início, Binet não tinha como pretensão testar a inteligência propriamente dita. Seu interesse principal residia em identificar, nos alunos dos liceus parisienses, alguma dificuldade ou impedimento para aprender e posteriormente ajudá-los a melhorar. A intenção não era atribuir um rótulo aos alunos, nem delimitar até onde ia a sua capacidade, seja qual fosse a causa do baixo desempenho escolar. O objetivo era unicamente identificar a causa.

Todavia, sobretudo nos Estados Unidos, a notícia da criação dos primeiros testes de inteligência significou, para alguns educadores e psicólogos, algo eficaz para avaliar e equiparar as pessoas. Não tardou muito para que se revelasse, tanto entre os cientistas quanto na sociedade em geral, uma grande euforia pelos instrumentos que auxiliariam para testar a inteligência.

Gould (1991) acredita que os testes feitos pelos pesquisadores foram adotados com boas intenções, porém, quase sempre esse instrumento foi usado de modo estigmatizante, de certa forma rotulando as pessoas, além de avaliar acerca das limitações de cada indivíduo.

O emprego dos testes de QI trouxe a ideia de que a inteligência era herdada, que passava de geração a geração. Seguindo essa ideia, o indivíduo nasceria com certa “dose” de inteligência e assim se tornaria possível a realização de testes que classificariam as pessoas em relação a sua inteligência.

A genética fez seu maior progresso considerando traços simples em organismos simples. Sabemos muito sobre a base genética para as estruturas e comportamentos da mosca da fruta; e através de estudos de

padrões de herança, obtivemos discernimentos sobre a transmissão de patologias humanas específicas como anemia de células falciformes, hemofilia e daltonismo. Mas quando o assunto é habilidades humanas mais complexas – as capacidades de resolver equações, apreciar ou criar música, dominar línguas – lamentavelmente ainda ignoramos o componente genético e sua expressão fenotípica. Primeiramente, estas competências não podem ser estruturadas experimentalmente no laboratório. Além disso, ao invés de estar relacionadas a um gene ou a um pequeno conjunto de genes específicos, qualquer traço complexo reflete muitos genes, um considerável número dos quais será polimórfico (permitindo algumas realizações diferentes entre uma gama de meios). De fato, quando o assunto é capacidades tão amplas (e vagas) quanto as inteligências humanas, é questionável até mesmo se poderíamos nos referir a “traços” (GARDNER, 1994: 26).

Essa ideia de inteligência ainda permanece entre os seres humanos. Até nos dias de hoje, não há hesitação em falar de pessoas que são ‘um pouco mais’ ou ‘um pouco menos’ capazes, ‘mais’ ou ‘menos’ inteligentes, que herdaram ‘tal’ inteligência dos pais, e por assim vai.

A maioria dos testes para medir a inteligência são desenvolvidos para avaliar principalmente o desembaraço linguístico e lógico (e talvez alguma velocidade, flexibilidade...), deixando para trás várias outras habilidades que também podem representar manifestações de inteligência.

Os estudiosos, querendo ou não, conseguiram colocar o tema ‘inteligência’ no centro das atenções da sociedade num geral. Hoje, é muito fácil de se encontrar em jornais, revistas, livros e afins, expressões como: inteligência emocional, inteligência artificial, inteligência múltipla, inteligência coletiva, inteligência criadora...

Embora durante todo o período de eminência do teste de QI tenham surgido cientistas que questionaram o valor conferido a ele e mesmo o próprio conceito de inteligência, pouco se avançou em termos concretos nesse campo. Enquanto isso, a utilização do padrão criado por Binet se disseminou e se sofisticou, dando origem a diversas medições. A própria escala que situa a “normalidade” entre os coeficientes 70 e 130 não foi definida pelo psicólogo francês, mas se tornou um parâmetro tão estabelecido quanto a ideia de QI. Além de cientificamente questionável, ela ajudou a reforçar preconceitos e discriminações (FERRARI, 2006: 15).

Para os pesquisadores e críticos que acreditam em uma inteligência única, que pode ser comparada e medida, existem provas convincentes da existência de não uma, mas várias competências intelectuais humanas, o que indica que a inteligência é algo muito maior que apenas a capacidade para dar uma resposta curta para uma pergunta curta.

Muitos observadores não se mostraram satisfeitos com este estado de coisas. Deve haver mais na inteligência do que respostas curtas para perguntas curtas – respostas que prevejam o sucesso acadêmico; e ainda assim, na ausência de uma maneira melhor de se pensar sobre inteligência e de obter melhores meios para avaliar as capacidades de um indivíduo, este enredo está destinado a repetir-se universalmente durante o futuro

previsível (GARDNER, 1994: 3).

Segundo esses pesquisadores, os testes utilizados para saber o QI de uma pessoa teriam apenas a utilidade de medir sua capacidade para resolver testes de QI. Nas tendências de hoje, está mais claro a ideia de que a inteligência não é uma coisa que 'se tem' ou 'não tem', nem de algo que uma pessoa 'tenha mais' ou 'tenha menos', mas especialmente algo que vai se criando e desmanchando em ocasiões individuais e sociais, sem as quais ela se limitaria a uma 'propriedade virtual'.

A inteligência tem a capacidade de fazer mais do que apenas computar informações: ela também desenvolve projetos, raciocina, formula critérios, estima e realiza tarefas. As mais recentes considerações feitas em relação à inteligência se assemelham na ideia da não existência de uma única inteligência, que seja igual para todos, uniforme, mas sim uma multiplicidade de inteligências.

Torna-se necessário dizer, de uma vez por todas que não há e jamais haverá uma lista única irrefutável e universalmente aceita de inteligências humanas. Jamais haverá um rol mestre de três, sete ou trezentas inteligências que possam ser endossadas por todos os investigadores. Podemos nos aproximar mais desta meta se nos mantivermos apenas em um nível de análise (digamos, neurofisiológico) ou com uma meta (digamos, previsão de sucesso numa universidade técnica); mas se buscamos uma teoria decisiva sobre o alcance da inteligência humana, podemos esperar jamais concluir nossa busca. (GARDNER, 1994: 45).

É nesse contexto que passamos para a Teoria das Inteligências Múltiplas, proposta por Howard Gardner.

A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NA PERSPECTIVA DE GARDNER

O cientista norte-americano Howard Gardner, formado no campo da Psicologia e da Neurologia, foi o responsável por causar um forte impacto na área educacional com sua teoria das inteligências múltiplas, divulgada no início da década de 1980. Desde cedo mostrou interesse pelos processos de aprendizagem, que já estavam presentes nos seus primeiros estudos de pós-graduação, quando se interessou também pelas descobertas do suíço Jean Piaget (1896-1980).

Influenciado pelos trabalhos do norte-americano Robert Sternberg – que estudou as drásticas variações dos conceitos de inteligência de acordo com diferentes culturas –, Gardner, utilizou-se das várias pesquisas realizadas para questionar a tradicional visão da inteligência, uma visão que ressalta apenas as habilidades linguística e lógico-matemática. Gardner sugere que não existem habilidades gerais, desconfiando da possibilidade de se medir a inteligência através de papel e lápis. Para Gardner (1997: 50-55) a conceituação de inteligência diz respeito às seguintes habilidades:

- Habilidade para resolver problemas: em diversas atividades diárias se fazem necessárias certas tomadas de decisão, à procura de caminhos mais fáceis ou até mesmo vencer alguns obstáculos. A resolução dos problemas encontra-se em todas essas circunstâncias e o que permite acabar com esses problemas são as diferentes capacidades cognitivas de cada indivíduo;
- Habilidade para criar: o ser humano tem a capacidade de inventar, de descobrir. Existe sempre a vontade de fazer algo de um modo diferente, sob um ângulo novo. Sendo assim, a capacidade de criar que move o ser humano é uma característica inata;
- Habilidade para contribuir em um ambiente cultural: o indivíduo tem a capacidade de usar a sua inteligência para resolver problemas e criar, mas sempre concordando com o contexto social a que está inserido.

Nesse sentido, a Teoria das Inteligências Múltiplas, desenvolvida por Howard Gardner, partindo de um contexto essencialmente investigativo, apresenta uma nova compreensão a respeito da inteligência humana, compreendendo-a não como um processo único, mas como um conjunto de competências intelectuais, ordenadas a partir de várias classes de sistemas simbólicos, desenvolvidos pela cultura humana.

Levando em conta os resultados de longas pesquisas, Gardner identificou oito faculdades mentais ou inteligências: linguística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Afirma que essas competências intelectuais são independentes, tendo sua origem e limites genéticos próprios. Segundo ele, o ser humano dispõe de uma variação de graus em cada uma das inteligências e diferenciadas formas com que elas se combinam e se utilizam dessas capacidades intelectuais. Gardner destaca que, mesmo essas inteligências sendo independentes uma das outras, elas dificilmente funcionam sozinhas.

O que leva as pessoas a desenvolver suas capacidades inatas são a educação que recebem e as oportunidades que encontram. Cada indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos ainda não moldado pela cultura, o que só começa a ocorrer por volta dos 5 anos. Os produtos criados pelas crianças pequenas são mais graciosos, sugestivos e originais do que os concebidos por aquelas um pouco mais velhas. A educação costuma errar ao não levar em conta nem estimular os vários potenciais de cada um. Pior ainda, é muito comum que essas aptidões acabem sendo sufocadas pelo hábito nivelador de grande parte das escolas. Preservá-las já seria um grande serviço para os alunos (FERRARI, 2006: 16).

Portanto, deve-se pensar nessas oito inteligências como sendo oito habilidades que caracterizam o ser humano e que se desenvolveram ao longo do tempo. De modo geral, cada indivíduo tem parcelas expressivas de cada uma delas, sendo que, uma inteligência

nunca se manifesta isolada, em relação ao comportamento humano. Cada tarefa envolve uma combinação de inteligências.

Um dos principais desafios da educação é, conseqüentemente, compreender as diferenças no perfil intelectual de cada aluno e formar uma ideia de qual é a melhor maneira de desenvolvê-lo.

Abaixo, segue uma relação de aspectos que, conforme Gardner (1994; 1995), auxiliam a observar os alunos em suas diferentes manifestações de inteligência, que não têm o intuito de classificar os alunos e nem de querer a partir dessas características formar classes. A ideia central desta organização é guiar a observação do professor, fazendo com que ele consiga reconhecer as características principais de cada criança, e também qual é o perfil da turma. Esse conhecimento é de grande utilidade para que se tenha um progresso no trabalho educacional – em específico, contribuirá no planejamento de atividades que assegurem conduzir cada criança a uma boa aprendizagem e desenvolvimento de suas competências.

Inteligência Linguística:

- Aprecia ler;
- Aprecia ouvir;
- Aprecia escrever;
- Aprecia poesias e jogos com palavras;
- Tem boa capacidade para ser orador;
- Tem facilidade em estruturar as ideias no momento de escrever;
- Aprecia produzir textos.

Inteligência Lógico-matemática:

- Gosta de fazer cálculos;
- Tem precisão;
- Gosta de resolver problemas;
- Explica clara e precisamente sobre o que faz e pensa;
- É possuidor de boa argumentação;
- Adora realizar experimentações;
- Usa arranjos lógicos.

Inteligência Físico-cinestésica:

- Tem o controle do próprio corpo;
- Maneja e domina objetos;
- Tem excelente sincronização de movimentos;
- Conhece através de toques e movimentos os objetos e o ambiente;
- Possui elevada capacidade para dança, dramatização, mímica, esportes;
- Realiza com destreza movimentos corporais e também manipulação de

materiais;

- Adora mexer e brincar com objetos;
- Demonstra aborrecimento caso tenha que ficar um longo tempo parado;
- Possui melhor memória visual do que auditiva.

Inteligência Espacial:

- Contempla figuras;
- Aponta trajetos com destreza;
- Observa e realiza mudanças no espaço;
- Entende facilmente gráficos e mapas;
- Inventa imagens;
- Aprecia fazer maquetes;
- Anda com destreza entre objetos de qualquer espaço;
- Entende facilmente conceitos geométricos.

Inteligência Musical:

- Aprecia muito ouvir música;
- Tem sensibilidade ao tom, ao timbre, ao ritmo;
- A música lhe transmite emoções;
- Sabe distinguir os diversos gêneros e estilos musicais;
- Aprecia cantar;
- Aprecia tocar instrumentos;
- Com a música, realiza movimentos corporais, imita, cria.

Inteligência Interpessoal:

- Consegue se comunicar muito bem;
- Consegue se relacionar muito bem;
- Tem domínio para manipular opiniões;
- Gosta de realizar atividades grupais;
- Tem o poder para entender as intenções dos outros;
- Aprecia a cooperação;
- Consegue adaptar-se bem em ambientes diferentes;
- Consegue ter influência sobre as ações e opiniões dos outros;
- Mantém uma relação social agradável.

Inteligência Intrapessoal:

- Tem metas próprias;
- Tem elevada motivação;
- É totalmente consciente de seus sentimentos;
- Gosta de realizar tarefas de maneira independente;
- Não aprecia a ideia de ser igual aos outros;

- Tem poder intuitivo;
- Cria e fixa valores éticos;
- Possui um juízo do 'eu' bastante desenvolvido.

Inteligência Naturalista:

- Tem grande capacidade para entender sobre o mundo natural;
- Adora observar, entender e organizar modelos no ambiente natural;
- Tem habilidade para nutrir plantas e animais;
- Sabe reconhecer e classificar diferentes espécies de animais e plantas;
- Adora a natureza;
- Aprecia acampar, fazer trilhas e estar em ambiente aberto.

Segundo Gardner (1994), não existe nenhuma fórmula mágica para promover a educação seguindo a teoria das inteligências múltiplas, isto é, não existe uma metodologia das inteligências múltiplas, porque não há um caminho direto entre o que foi pesquisado cientificamente e a prática diária da escola. Mas é pensando nisso que muitos outros estudiosos passaram a propor práticas que auxiliam no desenvolvimento dessas inteligências, como Celso Antunes, no livro *Jogos para a estimulação das inteligências múltiplas* (1998).

Um exemplo de atividade, proposta por Antunes (1998), envolve a inteligência espacial. Nessa atividade o tema gerador é o trânsito; objetivos: começar realizando um questionário aos alunos sobre qual é a importância das leis de trânsito, de como nós podemos auxiliar na melhoria do trânsito, quais são os sinais de trânsito e como eles são escritos em inglês, como chegar até algum lugar usando as palavras em inglês (siga em frente, ao lado de, vire à esquerda...), etc.; propor aos alunos que desenhem o mapa do caminho que percorrerem para ir de casa à escola e depois compartilhar com os colegas seu trajeto, contemplando os objetivos propostos.

CONCLUSÃO

Desde os primeiros testes projetados a respeito da inteligência, no século passado, por Alfred Binet, até os dias de hoje, diversas variações desse tipo de instrumento foram sendo elaboradas e empregadas com as mais distintas finalidades: tentar explicar o porquê do fracasso escolar, julgar candidatos a empregos, explicar determinados comportamentos e assim sucessivamente. E qual foi o resultado de tais procedimentos? Pessoas rotuladas como sendo “mais inteligentes” ou “menos inteligentes”.

Na verdade, Binet não tinha o propósito de fazer com que seus testes se vulgarizassem e que fossem utilizados como forma de avaliação eficaz do “tamanho” da inteligência do ser humano. A sua intenção era apenas identificar algumas dificuldades na aprendizagem de alunos dos liceus parisienses e, posteriormente, ajudá-los a melhorar.

Com o tempo, percebeu-se que os testes realizados possuíam falhas: avaliavam apenas o desembaraço linguístico e a lógica, deixando para trás várias outras habilidades que também poderiam representar manifestações de inteligência.

O cientista norte-americano Howard Gardner, percebendo essas falhas, desenvolve uma teoria (TIM) capaz de contemplá-las. Para tal, Gardner escolheu oito inteligências, colocando uma relação de dependência de umas com as outras. O ser humano possui várias capacidades desconhecidas, que aparecem no decorrer da sua vida, sendo que, se desenvolvidas e trabalhadas, é possível descobrir pessoas dotadas de grandes talentos que antes, estavam escondidos.

Nesse sentido, a Teoria das Inteligências Múltiplas (TIM) tem conquistado espaço também no cenário educacional. Os professores estão percebendo as diferenças entre os alunos e, então, nada melhor do que se buscar embasamento nos aportes desenvolvidos por Gardner a partir da exploração das suas oito modalidades de inteligência. O aprofundamento dessa teoria pode levar, seguramente, à consecução de uma série de atividades, capazes de melhoria no desempenho do aluno em seu cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. *Jogos para a estimulação das inteligências múltiplas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

FERRARI, M. O teórico das inteligências múltiplas. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 197, nov. 2006. p. 14 – 16.

GARDNER, H. *As artes e o desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GARDNER, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GARDNER, H. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOULD, S. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.